

E-MAIL E BLOG: “gêneros textuais” ou veículos de comunicação?

Tiago da Silva RIBEIRO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
tiagosribeiro@globo.com

RESUMO: Este artigo procura analisar algumas características dos e-mails e dos blogs (páginas da internet semelhantes aos diários pessoais). Essa análise nos permitirá discutir os conceitos de gênero textual e veículo de comunicação, já que, em ambos os casos, há a possibilidade de veiculação de diversos gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais; Veículo de comunicação; Internet.

ABSTRACT: This article intends to analyze some characteristics of the E-mails and Blogs, web pages similar to personal diaries. In this analysis we will discuss the concepts of textual genres and communication vehicle, since, both in the E-mail as on the Blog, there is the possibility of propagation of diverse textual genres.

KEYWORDS: Textual genres; Communication vehicle; Internet.

RESUMÉ: La proposition de cet article est analyser quelques caractéristiques de l'E-mails et du Blogs, pages sur l'Internet semblables aux quotidiens personnels. Cette analyse nous permettra de discuter les concepts de genres textuels et le véhicule de communication, donc, en tous les deux cas, dans l'E-mail et dans le Blog, il y a la possibilité de propagation de divers genres textuels.

MOTS-CLÉ: Genres textuels; Véhicule de communication; Internet.

1 Introdução

Atualmente, diversos grupos on-line vêm se desenvolvendo, o que cria um vasto campo para estudos de diversas áreas das ciências humanas. Como a internet proporciona a rápida virtualização da sociedade (LÉVY, 1996), é preciso que analisemos a proliferação de gêneros textuais e a transmutação que antigos gêneros sofrem com o advento da grande rede de informações, a internet.

No Brasil, assim como em outros países nos quais a internet amplia seu domínio a cada dia, há crescente interesse por parte de jovens e adultos em novas formas de socialização, seja por razões pessoais ou profissionais.

Os blogs, que seriam, segundo Marcuschi (2004, p. 31), um gênero emergente que teria como contraparte preexistente os diários pessoais, abrigam tanto escritas sobre si, ou seja, declarações de cunho pessoal, que formariam o gênero “diário pessoal”, quanto piadas, músicas e outros gêneros que demonstram o gosto pessoal do “dono” do blog. Com os e-mails, que, segundo o mesmo autor, seria um “gênero” desenvolvido com base em cartas pessoais e bilhetes, ocorre semelhante fato, ou seja, por meio de mensagens eletrônicas, recebemos desde um comunicado de um chefe, que se assemelha a um memorando, até piadas e propagandas comerciais. É nesse contexto, em que os gêneros se misturam com os veículos pelos quais são transmitidos, que se situa este trabalho.

Seguiremos o conceito de veículo exposto no artigo de Bonini (2003) e conceitos de gênero de alguns autores com os quais meu trabalho mais se identifica. Procurarei, obviamente, noções complementares de diversos autores a respeito do assunto, que, por ser tão complexo, obriga-me a “beber em diversas fontes”, já que não há um autor que consiga, sozinho, satisfazer completamente minhas análises.

Tratarei, inicialmente, da fundamentação teórica e metodológica da pesquisa. Em seguida, farei breve definição de blog e e-mail. Esta seção será seguida da análise de dados propriamente dita, em que procurarei aplicar as tais “noções conflitantes de gênero e veículo” de Bonini (2003). Na última seção, serão feitas as considerações finais.

2 Fundamentação teórica e metodológica

Será correto definir como um gênero ambientes que abarcam textos com formas e propósitos tão diferentes? Ou será mais adequado classificar, para fins de pesquisa, tanto o blog quanto o e-mail como veículos de comunicação que transmitem diversos gêneros textuais? Tentarei ajudar a responder a essas e a outras perguntas que possam surgir por meio de uma análise baseada na metodologia proposta por Motta-Roth (2006), orientando-me ora para o texto, ora para o contexto.

Sobre a noção de veículo de comunicação, escolho o artigo de Bonini (2003) para embasar minhas hipóteses, a partir das quais adaptarei os dados, que são diferentes dos da análise do autor.

Como definir gênero é tarefa bastante árdua, conforme disse na seção anterior, buscarei bases teóricas diversas, em que cada autor contribua com sua visão. Vejam-se, então, as principais definições de gênero nas quais me baseei na análise dos dados.

Além dos autores já citados, utilizo o trabalho de Carolyn Miller (1984), que define os gêneros como interações retóricas típicas, com base em situações recorrentes em determinado contexto de cultura. Para ela, o gênero é um aspecto central na estrutura comunicativa da sociedade, um elo estruturador que liga a mente individual à global. Alguns dos textos encontrados em e-mails e blogs são facilmente reconhecidos como típicos daquele contexto, o que faz com que se classifiquem esses ambientes como gêneros, porém, alguns, como se vê, apesar de também serem transmitidos por mensagem eletrônica ou postados em páginas pessoais, são demasiadamente diversos entre si para participarem de um mesmo gênero.

A mesma autora ainda afirma que os gêneros são artefatos culturais que permitem às pessoas associarem determinadas formas a determinadas situações, colocando certa “ordem” no contexto da vida coletiva. Veja-se também neste artigo que não há a tal “ordem” dentro do e-mail e do blog.

Bakhtin (1986) também contribui decisivamente para a sustentação de minhas hipóteses, qual seja a de que essa diversidade textual dentro de um mesmo “gênero” impede a classificação como tal, pois, segundo o

autor, gênero é um conjunto de enunciados marcado pelo objetivo comunicativo, pelo conteúdo explorado, ou seja, uma proposta de emprego e um cartão virtual não partilham de um mesmo objetivo comunicativo.

Também utilizarei noções de gênero de Marcuschi (2001; 2004). Outras visões, de outros autores, poderiam ser expostas aqui, haja vista o grande interesse no assunto por parte de diversos estudiosos da língua. Porém, ater-me-ei a essas, para que possa fazer uma análise clara e objetiva dos dados que virão nas próximas seções.

3 Blog e e-mail, novas alternativas de comunicação

“Os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Contudo, os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar as realidades estanques.” Ao citar Marcuschi (2004, p. 16), pretendo mostrar que a visão atual sobre os gêneros não pode tratar meramente de classificação, de identificação de gênero, sem levar em conta o ambiente em que ele ocorre. Para analisar os gêneros textuais praticados na internet, deve-se levar em conta as pessoas, suas intenções no momento da produção textual, quais as possibilidades oferecidas pelo programa de computador que usam, etc.

Certamente, não há como caracterizar como apenas um gênero textual todas as formas de textos que se encontram no ambiente e-mail e no blog, justamente porque as intenções e as possibilidades de interação não são as mesmas quando, por meio deles, são enviados convites para festas, piadas, receitas de bolo. Marcuschi (2004), citando Erickson (1997), diz que “a interação on-line tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”, o que viria a desestabilizar a noção bakhtiniana de gênero, pois, à medida que se desenvolvem novos programas de interação on-line, surgem novos gêneros, ou, pelo menos, os já existentes sofrem uma mutação. Veja-se, então, separadamente, como se poderia definir os “gêneros”, ainda com aspas, blog e e-mail.

3.1 Blogs

Com o avanço da tecnologia, os antigos diários de papel passaram a ser virtuais – os chamados blogs –, e neles os jovens postam mensagens diariamente, contando fatos ou sentimentos vividos. Veja-se como Marcuschi (2004) descreve esse novo “gênero”:

Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...] Não são como e-mails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu. (p. 62)

O que diferencia o blog do antigo diário não é apenas a mudança de ambiente (da folha de papel para o computador), mas também o propósito para o qual foi criado. Nos diários, pouquíssimas ou nenhuma pessoa (a não ser com o consentimento do próprio autor) tinham acesso às informações neles contidas e,

raramente, seus criadores permitiam que alguns amigos mais íntimos escrevessem ali algumas linhas. Atualmente, os autores dos blogs criam suas páginas com o intuito de tornar sua vida pública, deixando, inclusive, um espaço para que outros façam comentários sobre o que foi escrito, sem que haja necessidade de que essas pessoas sejam conhecidas.

3.2 E-mails

O e-mail, ou correio eletrônico, é atualmente um dos gêneros textuais mais produzidos em todo o mundo, já que agrega a rapidez do meio eletrônico à praticidade. Por ser tão utilizada, essa nova forma de comunicação acaba por adquirir características próprias, diferenciando-se dos demais gêneros encontrados na internet. A grande expansão do e-mail gerou a necessidade de padronização do texto nele desenvolvido, para que as pessoas pudessem se entender melhor dentro desse novo contexto. Buscando essa padronização, foi criada a *Netiqueta*, regras de comportamento na internet¹.

Embora haja um esforço para se criar um padrão de mensagens eletrônicas, como no caso da *Netiqueta*, ainda há grande variedade dentro do “gênero” e-mail. Por exemplo, em relação ao registro, há um cuidado muito maior quando direcionamos um e-mail para um superior no trabalho do que quando o mandamos para um amigo de infância, apesar de, como afirma Paiva (2004 in MARCUSCHI, 2004, p. 77),

Uma das vantagens do sistema de mensagens em relação à carta é que, em uma mensagem ARPANET [(primórdio do *e-mail*)], você poderia escrever concisamente e digitar com imperfeições, mesmo se dirigindo a alguém mais velho ou em posição superior, e, até mesmo, para uma pessoa que você não conhece, e o destinatário não vai se sentir ofendido.

Crystal (2005) afirma que os erros ortográficos são encarados de forma diferente quando o documento é uma mensagem eletrônica. “(...) Os erros de ortografia em um e-mail são interpretados não como uma indicação de falta de escolaridade (embora possam ser), mas como uma conseqüência da imprecisão ao digitar” (p. 93). Mesmo com essas ressalvas, é inegável que temos maior rigor ao selecionar o vocabulário para uma pessoa que exige tal cuidado, o que resulta no uso de uma linguagem mais formal.

4 Análise dos dados

4.1 Dados de blogs

Alguns donos de blogs preferem preservar a vida pessoal e colocar em suas páginas apenas banalidades para serem comentadas, como se vê no exemplo 1:

¹ <http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html>

07/06/2007

*bom postanduh pra pamella
hellenn
que eu amuhh ela de mais
ela e super 1000
amigona de mais
ti aMoOoO*

Pode-se perceber que a “dona” do blog envia um elogio a uma amiga. Contudo, além dela e da amiga, milhões de outras pessoas têm acesso a esse recado, o que não ocorria na época do diário pessoal.

QUARTA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 2007

Vamos fazer um clipe?

Vamos! Então por onde começamos? Temos que começar de algum jeito... De preferência, um jeito que já mostre, por si só, que o que virá em seguida será algo assim para estourar os miolos e mudar de uma vez por todas a história dos cliques. Já sei! Que tal uma explosão? Tem que ter explosão em clipe, não tem? Pensa bem, o universo começou com uma, por que não o nosso clipe... Ah, não faz mal que não temos dinheiro para efeitos especiais, podemos sei lá, gravar uma bombinha estourando e depois aumentar bastante no computador, que tal?

Continue lendo "Vamos fazer um clipe?"

Vivi Griswold às 10:22 AM

Nesse segundo exemplo, porém, vê-se um blog de um grupo de amigas (intituladas *As garotas que dizem n)* que resolveu fazer uma página para escrever diversos artigos, que geralmente falam de sua infância, de problemas cotidianos pelos quais elas passam, etc., assemelhando-se muito mais a artigos jornalísticos do que à escrita em diários pessoais.

É interessante que as autoras, na última semana de maio de 2007, admitem que os textos não são prototípicos do ambiente em que são veiculados, os blogs, pois resolveram fazer a “Semana dos textos curtos”², por acharem que precisavam preencher essa lacuna, segundo elas, em seu site. Contudo, somente o tamanho de seus textos diminuiu, posto que o estilo de artigo jornalístico permaneceu.

Segundo Bakhtin (1986, p. 60), gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que atendem ao critério de delimitação, pela reação de cada interlocutor ao texto do outro, e ao critério de unidade, pelo tratamento exaustivo do sentido, pelo reconhecimento do querer-dizer dos participantes e pela tendência à padronização em termos de atos de fala. Porém, como se viu, há muito mais diferenças do que

² http://garotasquedizemni.ig.com.br/archives/2007_05.php

semelhanças entre o segundo exemplo e o primeiro, o que quebra a estabilidade proposta por Bakhtin. No primeiro, a linguagem é mais breve, bastante informal e tem como propósito principal o elogio a uma amiga da autora, diferentemente do segundo, que busca entreter um número bem maior de leitores, além de possuir uma linguagem muito mais elaborada no que diz respeito ao conteúdo do que é escrito, ou seja, ainda seguindo a análise proposta por Bakhtin, percebe-se que os objetivos e propósitos, nos dois casos, são diferentes, o que impede de classificá-los como pertencentes a um mesmo gênero. A semelhança estaria no modo como os blogs foram acessados, por meio de uma página na internet, o que direciona à noção desses ambientes como veículos de comunicação.

3.2 Dados de e-mails

Para iniciar esta análise, veja-se um exemplo de e-mail enviado por uma editora de livros, com o intuito de agradecer aos leitores pela venda de um livro:



Caso você não esteja conseguindo visualizar esta página clique aqui para versão online.

**... que ajudaram a construir a marca de
1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL!**

**NOVA
FRONTEIRA**

**O caçador
de pipas** Khaled Hosseini

*“Um livro maravilhoso,
para ler e presentear.”*

Editora Nova Fronteira
R. Bambina, 25
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22251-050
Tel.: (21) 2131-1121 / 2131-1142 / 2131-1156

Todas as pessoas que receberam essa mensagem estavam cadastradas no site da editora, que, antes desse, enviou diversos e-mails anunciando o mesmo livro, com comentários de jornais, revistas, etc.

Agora, compare-se esse com o e-mail a seguir:



No segundo exemplo de e-mail, o que se vê é uma piada, gênero completamente diferente do exposto anteriormente. Seria, então, adequado classificar os dois exemplos como pertencentes a um mesmo gênero? Pensando na definição proposta por Miller (1984), também se encontra respaldo para rejeitar a classificação do e-mail como gênero. Imaginemos que tanto o agradecimento da editora aos leitores quanto a piada fossem apresentados isoladamente, sem a identificação de que foram enviados por meio de mensagem eletrônica. Será que alguém poderia classificá-los no mesmo gênero textual? Onde estaria a “ordem no contexto da vida coletiva” proposta por Miller?

Apesar de expor apenas dois exemplos, percebe-se que tanto a noção de estabilidade do gênero quanto a convergência de propósitos e objetivos propostas por Bakhtin (1986) não se sustentam quando se trata da

mensagem eletrônica, pois há enorme gama de textos que podem ser enviados por meio de uma mensagem eletrônica sem que qualquer pessoa diga, dentro daquele veículo, que aquela mensagem não é um e-mail.

4.3 Veículo de comunicação, uma alternativa de classificação

Segundo Bonini (2003), “A noção de gênero (textual/discursivo) é concebida pela maioria dos estudiosos (se não pela totalidade) dentro da moldura da teoria da comunicação. Neste caso, procura-se manter nítidas as distinções entre canal e código, entendendo-se o gênero como um componente do código”. De acordo com o autor, a classificação tradicional dos gêneros é feita levando-se em conta, principalmente, o conteúdo e o estilo do discurso, ou seja, o elemento da comunicação *código*, denominação dada seguindo o *modelo de Berlo*. Sobre o modelo, explica Bonini (2003),

Em síntese, este modelo pressupõe que o conteúdo intencional é codificado como mensagem por um emissor através da articulação de elementos do código lingüístico, sendo esta mensagem, por sua vez, conduzida por um canal a um receptor que fará a operação de codificação ao contrário, extraíndo, assim, o conteúdo desta mensagem.

Bonini segue mapeando os pontos mais relevantes do *modelo de Berlo*, quanto ao assunto tratado em seu artigo, cujo interesse é parecido com o meu. O modelo divide o componente *canal* em três subconceitos: *mecanismos de ligação*, *veículo* (o que mais me interessa) e *transportador*.

Para o autor, a definição de Berlo é falha, já que nem sempre é possível separar claramente o elemento *canal* do elemento *código*. Para comprovar sua afirmação, dá como exemplo o jornal, que além de ser o meio físico que transporta a mensagem, traz consigo elementos próprios do código. Bonini prossegue dizendo que “tudo que é concebido como veículo não pode ser visto estritamente dentro da noção de canal”. Ou seja, não há um limite em que dividimos certas características do *canal* das do *código*.

Trazendo essa discussão para o objeto de meu interesse, percebe-se que o e-mail e o blog têm características, ao mesmo tempo, de *canal* (veículo) e de *código* (gênero). Nos dois casos, são os meios pelos quais a informação é transmitida e também são as informações propriamente ditas. O problema acontece pelo fato de, como disse em seções anteriores, os propósitos de essas informações serem demasiadamente diversos para que se conceba um ou outro como apenas um gênero. Além disso, classificá-los apenas como veículos seria desconsiderar as características próprias dos textos neles desenvolvidos, a tal propriedade que leva diversos estudiosos a classificá-los como gêneros.

5 Considerações finais

O presente artigo não busca finalizar a questão exposta. Muito pelo contrário, até mesmo pelo pouco espaço que foi aqui reservado, a intenção foi trazê-la para que mais estudiosos possam me auxiliar na busca por uma análise mais satisfatória, já que, como se pôde ver, a visão que se tem hoje em dia de blog e

e-mail como gêneros textuais necessita de uma revisão, já que há vários pontos que podem ser facilmente contestados.

Procurei, também, não privilegiar apenas uma visão sobre gênero, mostrando diversas definições, de autores diferentes, que sustentaram as hipóteses aqui levantadas. Por ser um assunto novo e cada vez mais em evidência, os novos ambientes em que se pratica a escrita são um rico campo para pesquisas, já que, como lingüistas, é interessante desenvolvermos estudos que auxiliem os “novos escritores” a lidar com esses novos “gêneros” (que, mesmo no final do artigo, cuja questão-título não pôde ser respondida, permanece com aspas).

Referências

- BAKHTIN, M. M. *Speech genres and other late essays*. Austin, TX: University of Texas Press, 1986.
- BONINI, Adair. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. *D.E.L. T.A.*, 19:1, 2003.
- CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FLOGÃO. Disponível em: <http://www.flogao.com.br/sukatrindade/foto/107/106040911>. Acesso em: 8 jun. 2007.
- GAROTAS que dizem ni. Disponível em: <http://garotasquedizemni.ig.com.br/>. Acesso em: 8 jun. 2007.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MILLER, C. R. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, 70: 151-67, 1984.
- MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, v. 1, p. 145-163.